

<REVISTA TEXTO DIGITAL>

ISSN 1807-9288

- ano 3 n.1 2007 -

<http://www.textodigital.ufsc.br/>

DO HIPERTEXTO PARA O PAPEL: KD O @CENTO Q TAVA
AKI?

FROM HYPERTEXT TO PAPER: KD O @CENTO Q TAVA
AKI?1

Fabiana de Souza Silva

Doutora em Letras
Universidade Federal da Paraíba
Paraíba, Brasil
fabianasouzasilva@yahoo.com.br

RESUMO: O objetivo central deste trabalho é apresentar o uso da abreviação numa perspectiva histórico-comparativa, a fim de provar que a ocorrência desse fenômeno não é uma criação do texto digital, mas teve início no século VI a.C. O corpus analisado consta de trabalhos, anotações e provas, além de blogs, e-mails e SMSs.

PALAVRAS-CHAVE: Abreviação. Hipertexto.

ABSTRACT: The central objective of this work is to present the use of the abbreviation in a perspective comparative-historically, in order to prove that the incident was giving phenomenont is not a creation of the digital text, but it had beginning in the century VI a.C. The analysed corpus consists of work, annotation and proof, besides blogs, e-mails and SMSs.

KEYWORDS: Abbreviation. Hipertext.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O século XX foi marcado por revoluções lingüísticas, determinadas principalmente pelo emprego da Internet. Dentre as novidades descobertas pelo público que a utiliza está a variedade estilística da linguagem, que apresenta certo estreitamento de fronteiras entre a oralidade e a escrita, propiciando formas comunicativas próprias, que misturam

1 Portuguese internet language for: "Cadê o acento que estava aqui?" - Where is the accent that was here?

signos verbais, sons, imagens e formas em movimento, modos enunciativos do hipertexto. Para alguns professores de 2º grau, muitos alunos têm transferido a linguagem usada no meio digital para os textos produzidos em sala de aula, "infringindo" a linguagem exigida pela escola. Neste trabalho, iremos investigar se os internautas, ao contrário de estarem "escrevendo errado", causando dores de cabeça aos docentes, estabelecem um processo no qual as mensagens são encurtadas a ponto de serem expressas com o menor número de caracteres possível. Para tanto, selecionamos exemplos de e-mails, blogs e SMS's (gêneros digitais), como também trabalhos, anotações e provas produzidas por informantes de faixa etária, grau de escolaridade e sexo variados, pertencentes aos estados da Paraíba, de Pernambuco e da Bahia. Observamos que a marca principal das interações *on line* remete-nos não à etimologia das palavras, mas à fonética delas.

2 HIPERTEXTO E A SIMPLIFICAÇÃO LINGÜÍSTICA

Desde os tempos mais remotos, a função precípua da língua é comunicar. As formas de comunicação utilizadas pelo homem ao longo de sua evolução foram as mais variadas possíveis: o homem primitivo utilizava-se de desenhos, hieróglifos, caracteres cuneiformes das civilizações da Mesopotâmia ou, ainda, caracteres ideográficos sino-japoneses. Os materiais utilizados iam de paus, pedras, fios, a tecidos, colares, entre outros, com os quais compunham palavras, frases e expressavam idéias. No mundo ocidental, a comunicação dá-se principalmente através de representação gráfica, cujo principal veículo de transmissão do conhecimento humano é feito por meio do alfabeto. Seja o meio sonoro ou impresso/digital, a mensagem deve primar por adequar seu código ao público a que se destina. Assim, o vocabulário utilizado tende a ser mais ou menos seletivo; os períodos a variar entre simples e compostos; a ordem oscila entre direta e indireta, e as frases a se estender de curtas a longas, a depender do receptor/destinatário, visando à brevidade e à clareza.

Os procedimentos selecionados e ativados para tornar o texto adequado a seu público são entendidos como processos de simplificação lingüística. Em *O século XVIII e a noção de simplificação lingüística*, Pessoa (2001) afirma que a "Simplificação lingüística é uma habilidade inata dos sujeitos falantes de uma língua de adaptarem seus usos para facilitarem a comunicação com aqueles que por razões diversas teriam dificuldade de compreender certas construções".

Mendonça (1987) diz que a simplificação pode ocorrer em dois níveis: a simplificação do código da língua, cuja alteração mudará o texto de acordo com regras lexicais e sintáticas²; e a simplificação da língua, cujo objetivo é o de tornar a proposição o mais clara possível, com um estilo aproximado do informal. No primeiro caso temos uma simplificação gramatical; no segundo, semântica.

3 A LINGUAGEM DA INTERNET

Lemos nas páginas históricas da humanidade as mudanças causadas com a grande revolução do livro, desde a passagem do papiro ao pergaminho até a invenção de Gutenberg. Mostraremos, agora, as transformações/revoluções promovidas pela informática, em especial pela Internet, no que diz respeito à introdução, importância e impacto desta na linguagem e vida social, tomando como premissa um dos três aspectos destacados por Crystal (2001), em seu livro *"Linguagem e a Internet 3"*: "Do ponto de vista dos usos da linguagem, temos uma pontuação minimalista, uma ortografia um tanto bizarra, abundância de siglas e abreviaturas (grifo nosso) nada convencionais, estruturas frasais pouco ortodoxas e uma escrita semi-alfabética".⁴

²Através da substituição de palavras polissílabas por outras menores; de palavras pouco usuais por aquelas que sejam do léxico do leitor; da voz ativa em vez da passiva, e evitar intercalações (MENDONÇA, 1987).

³ Segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, Internet *s.f.* (s XX) INF TEL rede de computadores dispersos por todo planeta que trocam dados e mensagens utilizando um protocolo comum, unindo usuários particulares, entidades de pesquisa, órgãos culturais, institutos militares, bibliotecas e empresas de toda envergadura.

⁴ Não seria o caso aí, de escolha lingüística ou, como salienta Marcuschi (2002), temos, em termos lingüísticos, uma língua escrita

A primeira colocação a ser feita aqui é a distinção entre texto eletrônico e hipertexto. Para tanto, adotamos a visão de Antonio Carlos Xavier (2002), em sua tese de doutorado *Hipertexto na Sociedade da Informação: A Constituição do Modo de Enunciação Digital*, na qual ele afirma que:

Texto eletrônico não é necessariamente Hipertexto. Um texto que exista originalmente em celulose, uma vez transportado para superfície digital, não passa a ser automaticamente um Hipertexto. Antes se transforma em um texto eletrônico, i.e., o texto impresso disponível na *Web* por programas que o codificam em linguagem *html*. Uma vez incluso na rede mundial, dotado de *hiperlinks* e acrescido de outros modos enunciativos (ícones, imagens, som) aquele texto inicialmente impresso passa a ser, então, um Hipertexto.

Segundo afirma Béguelin (2004, p.32),

os internautas e os usuários do SMS (*Short Message Service*) para os telefones móveis fazem uso de uma quantidade de inovações gráficas basicamente por exigências externas do tipo: rapidez e falta de espaço na tela. Para a autora, as abreviaturas também estão presentes a fim de que os usuários atinjam o objetivo pragmático de serem breves e rápidos em suas comunicações. Na opinião dela, alguns usuários retomam o que caracteriza silabários micênicos e hititas, entre eles:

1. Utilização de letras ou ideogramas com valor fonético (rebus):

U2 = [*you too*]

9da10 = [*novidades*]

2. Uso de símbolos acrofônicos:

ILY = [*I love You*]

fds = [*fim de semana*]

3. Reutilização de fonogramas com valor silábico:

CT = [*c'était*]

KD = [*cadê*]

4. Recurso à ideografia:

@+ = [*a plus*] (que se pronuncia "a plus", forma truncada habitual, em francês coloquial, para "à plus tard" 5).

+ - = [*mais ou menos*]

5. Reciclagem de diversos signos para transformá-los em componentes de ícones:

não-monitorada, não submetida a revisões, expurgo ou correções. Em outras palavras: uma linguagem em seu estado natural de produção. 5 Béguelin (2004) afirma que o recurso de abreviações fonográficas é freqüente na língua francesa.

8-)) :-p = signos não-lingüísticos os quais evocam uma pessoa que usa óculos e sorri ou um personagem que mostra a língua, tomados do repertório de *smileys* ou *binettes*.

Podemos observar também na linguagem da Internet o crescente uso da imagem, o que, de certa forma, nos leva aos códices medievais⁶, nos quais predominavam as ilustrações, imagens e ornamentações (MIRANDA, 2004). Vale ressaltar, porém, que nesses grande parte das ilustrações não tinha nada a ver com o sentido do texto, servindo, via de regra, como mera decoração. Naquela, as imagens e ícones em movimentos colaboram com a construção do sentido. Ou seja, o hipertexto, modo de enunciação digital, converge VERBO + IMAGEM + SOM = HT.

3.1 A linguagem dos e-mails

Em artigo intitulado "A linguagem dos Chats Desafia os Newbies", Viana (2000) salienta que a rapidez da comunicação via chat ou e-mail permite uma fluência maior da linguagem, quase com a mesma rapidez da fala. Segundo a autora, nesses ambientes as palavras foram abreviadas até o ponto de se converterem em uma, duas ou no máximo três letras (não=n, sim=s, de=d, que=q, também=tb, cadê=kd, tc=teclar, porque=pq, aqui=aki, acho=axo, qualquer=qq, mais ou mas=+). Além da "economia" lingüística que há, ressalta ela, houve um extermínio da pontuação e da acentuação⁷, remetendo-nos não à etimologia das palavras, mas à fonética delas (é=eh, não=naum). Na visão de Viana (op.cit.), os internautas, ao contrário de estarem "escrevendo errado", parecem estabelecer um processo no qual as mensagens são encurtadas a ponto de serem expressas com o menor número de caracteres possível.

6 Com o advento da imprensa houve a separação do espaço verbal e imagético.

7 A origem "imperialista" do não uso de acentos em mensagens eletrônicas está no fato de as primeiras plataformas de computadores, chamadas UNIX, suportarem apenas os primeiros 127 caracteres, e os acentos e a cedilha começam a partir do número 128. Além disso, toda economia era preciosa antigamente, já que os computadores tinham o disco rígido muito menor e a transmissão era muito mais demorada (VIANA, 2000).

Veja exemplo a seguir:

Data:	Tue, 19 Apr 2005 11:55:18 -0300 (ART)
De:	 Adicionar endereço
Assunto:	Livro
Para:	"Fabiana Souza" <fabianasouzasilva@yahoo.com.br>

Oi, Fabiana sei q vc é super ocupada + gostaria de te pedir um favor muito grande, vc teria como me conseguir o seguinte livro: Princípios de Linguística Geral, Ed. Vozes, Autor: Mattoso Câmara. Por que eu me comuniquei com outra prof^a e ela me disse p começar a ler esse livro o mais breve possível, pois ela me disse q poderia me orientar por onde eu devo ca, minhar p entrar no mestrado. Se não for incomodo lhe poedir isso pq eu não tenho acesso a nenhuma biblioteca e caso vc consiga eu tiro uma xerox eu leio logo e te devolvo. Vc é quem diz, tá Ok?
Agradecendo antecipadamente, M

3.2 A linguagem do SMS

Conforme lemos no site telemóveis.com, devido à medida de economia nasceu a tão falada linguagem abreviada de SMS que, segundo eles, tantas dores de cabeça tem dado aos professores de 2º grau por esse mundo afora, visto que muitos alunos têm transferido essa linguagem usada no celular para os textos produzidos em sala de aula, "infringindo" a linguagem exigida pela escola, a padrão. O êxito das mensagens entre os jovens tem sido tão grande que, segundo afirma Benedito (2003), essa geração já está sendo chamada de geração das teclas ou a "geração do polegar". Vale ressaltar que, segundo lemos em Crystal (2005:91), o fato de os mais jovens abreviarem palavras nas suas mensagens, seja através das técnicas de rébus (b4 = before), seja através de indicações fonéticas (thx = thanks), ou através de abreviações (imho = in my humble opinion), não é novo ou fundamental. Segundo ele, *as pessoas vêm usando abreviações há gerações, e os jogos de rébus há muito são*

encontrados em revistas de palavras cruzadas. Observe os exemplos abaixo:

SMS: "A realidade eh q ã te amo c/ meus olhos q descobrem em ti mil falhas, + c/meu coração, q ama o q eles desprezam e apesar do q vê adora se apaixonar!!!"

SMS: "Qd eu der 1 tok coloca o chip daí e me dá 1 tok q eu ligo, blza? 1 xero."

3.3 A linguagem dos blogs

Geralmente a linguagem utilizada no *blog* está diretamente relacionada com o seu propósito e/ou com o estilo lingüístico de seu criador. Ou seja, um *blog* de cunho científico apresenta, via de regra, uma linguagem de acordo com o tema abordado e o público leitor. Já um *blog* criado por um adolescente retrata uma linguagem com um código bastante particular, caracterizado por abreviações e pela utilização de novas formas de escrever velhos termos, gerando senão uma imitação, pelo menos uma espécie de inovação nas abreviações outrora existentes. No primeiro caso, temos vocábulos como *beleza*, *porque*, *tudo*, *ocê*, *também* e *não* que sofreram drásticas reduções e passaram a ser escritos, respectivamente, *blz*, *pq*, *td*, *vc*, *tb* e *ñ*. No segundo caso, temos palavras do tipo *não*, *falou*, *então*, *até*, *é* e *né* que, ao contrário das citadas anteriormente, sofreram acréscimo de um elemento em sua forma original e passaram a ser escritas *naum*, *falow*, *entaum*, *ateh*, *eh*, *neh*⁸. A seguir, apresentamos um modelo de blog:

BLOG: 15/11/2005 12:45

...começando outro blog depois d mto tempo...primeiro post eh sempre uma merda, eu nunca sei oq escrever, mas jah q a Poleti insistiu, aki estou eu..alias,eu soh fiz outro blog pq vc praticamente mandou, vc gosta d ficar fuçando na minha vida neh sua vaca uahauhauhauhauhauhahbom, fim d semana,pra variar, sai com a Mary e com a Li pra beber, mas dessa vez eu naum fikei bebida, milagre! Hihhi ontem eu

⁸ O caso de *falow* foge à regra, uma vez que a palavra não sofreu nem redução nem acréscimo de elemento em seu conjunto. Já o *ateh*, o *eh* e o *neh* passaram a representar o sinal gráfico do acento com a letra h.

passei o dia **td** assistindo filmes **q** eu jah tinha visto pelo menos umas 2 vezes e comendo pipoca... foi **mtb** bom hihh e **hj** eu naum fiz nada.. **to** tomando coragem pra fazer uns trabalhos da escola, mas falta vontade..... aaahhhhhh eu **gro** férias!huuummmm num tem mais nada pra escrever eu acho.. num **to** inspirada **hj**.bom, esse **post** eh pra POleti linda...**bjus miga**, **to** com **mta** saudade viw, te adoro demais!**bjusss** pra **tds**!e antes **q** alguem fale sobre o blog gótico, eu coloquei esse soh por causa da cor tah Diego seu inutil! Uhauhauhauaha.

4 DO HIPERTEXTO PARA O PAPEL: KD O @CENTO QUE TAVA AKI?

O uso de formas escritas apresentando marcas da oralidade é um aspecto observado na linguagem utilizada nos novos gêneros digitais - e-mail, blog sms-, em especial pelos adolescentes. É bem verdade que há aqueles que escrevem utilizando uma linguagem mais formal, fazendo uso de acentos e pontuação, mas o que predomina é a presença de uma escrita abreviada, aproximada da pronúncia, uma espécie de semi-oralidade.

Segundo o site [www.saladeaula](http://www.saladeaula.com.br), alguns professores de Língua Portuguesa de colégios de São Paulo defendem que a formalidade deve ser preservada, uma vez que o conteúdo é acessado pelos mais variados públicos. Na opinião deles, quando se tratar de um texto de pesquisa, o estilo formal deve ser preservado. Porém, quando o conteúdo for informal e restrito ao grupo, a escrita utilizada pode ser a que apresenta as particularidades do texto cibernético. Na visão do lingüista Bagno, os adolescentes devem expressar-se livremente, já que não é nesse contexto que eles irão aprender ortografia e gramática. Para o autor, o blog nasceu com os jovens e o espaço desse gênero deve ser reservado para os adolescentes (www.saladeaula.com.br). Na opinião de Crystal (2005:92), deve-se ensinar às crianças que as abreviações nas mensagens de texto, onde o espaço é pequeno e a rapidez um fator crítico, desempenham uma função útil, mas não em outros lugares. Diante desse fato, surge um dilema de se corrigir ou não a grafia de tais palavras.

No site www.folhanet.com.br, a idéia central do uso das abreviações está associada à economia de tempo ou de espaço. Daí o fato de a abreviação dever constar apenas da metade ou menos da metade da palavra original, do contrário, é melhor escrevê-la por extenso, o que está de acordo com o que diz Houaiss (1983): não convém abreviar quando o princípio da economia é insignificante.

Ainda nesse site é ressaltado o cuidado com o uso abusivo das abreviações, não devendo estas constar em provas, trabalhos, artigos ou redações, mas apenas em anotações de uso pessoal.

Entretanto, a realidade da sala de aula tem-nos mostrado o inverso. Embora lentamente, porém de forma constante, os alunos transferem o código utilizado no texto digital, via de regra informal, para a sala de aula, apresentando uma escala que vai da simples anotação da fala do professor, perpassa o trabalho acadêmico e já apresenta indícios até mesmo nas provas e redações de vestibular, conforme vemos a seguir:

Absolutam. os pensamentos podem mudar o nosso corpo.
Pensar positivo não é apenas pensar posit., e sim uma forma de encobrir a imensa massa de pensam. negativo.

O mundo Macroscóp. → moléculas, átomos, celas e são complementos, pq eu sou a minha moléc., átomos...

Construímos idéias sobre o mundo exterior. É aquilo que nos acontece, nós podemos relacioná-lo a outra experiência anterior.
O hipotálamo faz emoções que...

Definição de vício: algo q vc n pode impedir.
Satisfazemos algo bioquímico das células.
Se vc não conseguir controlar o seu estado emocional, então vc está viciado nele.

Nós somos a emoção e a emoção somos nós. N podemos separar as emoções.
As emoções n são ruins. O problema são o vício. O vício n é apenas? psicológico, e sim bioquímica.
Então os vícios em sexo?

Daqui a 3 anos ele terá +9 11
há 5 anos tinha = 9 5

8	9	10	11	2	3	6	9
				h	8	(L)	
				1	2	3	
				60	8	0	

$9 + 3 = 12 > 11$
 $9 - 5 = 4 < 5$

João Pessoa

21/09/06

Quem somos nós?

Pq estamos aq?

O q é a realid?

Qm tenta se explic, td isso pode ficar pl sempre escondido na "foca do celho".
Existe grande difer. entre aquilo q achamos q o mundo é e o q ele realm.
é.

O materialismo moderno tira a responsab. das pessoas e a religião fbm.

O mundo é um lugar misterioso

O verdadeiro truque da vd n é saber de td, mas o mistério.

Pq continuamos vivendo a msma realid.? Pq continuamos procurando repetidam., os msmos empregos?

Tomamos cuidado a acreditar q o mundo de fora é import. do q o mundo interno. Mas tem sido provando q é exatam. o contrário.

Estamos vivendo de forma q td parece a ponta de um imenso iceberg.

A ponta desse iceberg é a física.

O cérebro processa 400 bi de bits de inform., mas só processamos aprox. 2ml

O único filme q o nosso cérebro vê é só aquilo que podemos ver.

Nós somos incapazes de criar realidade.

Há escolher no rumo q a vd pode tomar.

Física subatômica foi criada pl responder as qst's das pequenas coisas.

Possibilidades Infinitas:

Matéria - sólida / Espaço - vazio. Mas a matéria é na verdade insubstan-
cial. A coisa n é sólida.

Heisenberg - átomos n são são apenas coisas

↳ descolado da física co-existenc.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
DISCIPLINA: LINGUA PORTUGUESA II

ALUNO(A):

AVALIAÇÃO DA UNIDADE I

1º) Classifique em vogal temática, desinência de gênero, ou aтемáticos os elementos destacados:

"Se nós, na hora em que estávamos roendo o osso, fizemos tudo isso que fizemos, agora eles querem comer o filé mignon que colocamos na mesa? Não! Vão ter que roer o osso."(Luiz Inácio Lula da Silva) .

2º) O vocábulo abaixo apresenta flexão, derivação, os dois ou nenhum? Por quê?

"Não vou bater boca com empregadinhos do presidente Lula. Prefiro esperar para bater boca com o patrão deles." (Heloísa Helena).

3º) Classifique em formas livres, formas presas ou formas dependentes os termos a seguir:

"Nem que o governo arriasse as calças não haveria espaço para novas desonerações" (Júlio Gomes de Almeida).

4º) Comente as opiniões de Mattoso e de gramáticos quanto aos femininos abaixo:

Boi - vaca

Bode - cabra

Cão - cadela

5º) Diga como se dá a identificação de plural nos nomes:

Lápis

Pires

Tênis

Respostas:

1ª) hora ⇒ V.T.

Onno ⇒ V.T.

filé ⇒ matemática

mesa ⇒ V.T.

2ª) O vocábulo "empregadinhos" apresenta derivação, pois, no caso

da derivação, encontraremos um novo vocábulo. Advém-se, daí, que o vocábulo "empregadinhos" é originário da palavra "empregado", acrescido do sufixo "inho", além da marcação de plural /s/. Exemplificando: $\text{Empregadinhos} = \text{empregad} + \text{inho} + \text{s}$

3ª) (FD): que, o, às, para

(FL): governo, calças, espaço

(FP): demonstrações.

Ao que parece, embora não seja algo assustador e, a princípio, preocupante, faz-se necessário um esclarecimento e alerta por parte dos docentes quanto ao uso restrito e específico da linguagem da internet, particularmente da abreviação.

Segundo Marcuschi (2002), "quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma lingüística e sim uma forma de realizar lingüisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares". É o que fazem os autores supracitados quando adequam/moldam a sua linguagem ao gênero por elas utilizado, a fim de se identificarem naquela comunidade (no caso, a dos internautas).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise dos textos considerados, podemos inferir que, apesar do caráter variável do fenômeno da abreviação, a linguagem utilizada pelos produtores de e-mails, blogs e smss apresenta uma relatividade no que diz respeito ao princípio que norteia a escrita nesses meios: regular a escrita pela fala, utilizando a fonética para insinuar a ortografia.

Apesar de os autores dos textos serem de níveis de escolaridade, sexo e faixa etária variados, nota-se muita identidade quanto às palavras que sofrem redução e à forma como essas são reduzidas. Assim, quer se trate de homem ou mulher, estudante do 2º grau ou universitário, jovem ou adulto, o recurso de escrever de forma abreviada é bastante utilizado.

O número de ocorrências de abreviação é maior nos gêneros digitais (e-mail, blog, sms) que nos tradicionais (anotações nos cadernos, trabalhos e provas).

Os alunos associam a presença de formas abreviadas ao fator economia, seja de tempo ou de dinheiro. Esta encontra-se diretamente relacionada à quantidade de tempo que se gasta conectado à internet (no caso dos e-mail e blog) e à quantidade de mensagens enviadas pelo celular (no caso do sms/torpedo/mensagem de texto).

No caso das anotações dos cadernos, todos são categóricos em afirmar que o fazem mediante a necessidade de acompanhar aquilo que o professor dita ou escreve. Ou ainda, alegam sofrer influência da tela do computador ou do celular, quando das mensagens ali produzidas. Eles são unânimes em dizer que se policiam bastante no intuito de não confundirem os ambientes de produção textual, a fim de não "infringirem" as normas estabelecidas para cada um.

Outro fator responsável pela abreviação é a finalidade a que se destina o texto. Em se tratando de uma produção textual de teor informal, quer seja o gênero digital ou não, a tendência é escrever de forma abreviada, ao passo que numa situação por natureza formal - a exemplo de redações, provas, trabalhos etc, busca-se não lançar mão desse recurso, adequando a linguagem/ escrita às normas exigidas pela situação.

Em suma, podemos concluir que, embora presente na maioria dos textos produzidos pelos informantes arrolados, o uso de formas abreviadas é específico da tecnologia digital, e quando nos textos convencionais - cadernos, trabalhos,

provas - o número de ocorrências é restrito e esporádico, não havendo, portanto, razões para um maior temor no que diz respeito à não-preservação do estilo formal.

REFERÊNCIAS

- BÉGUELIN, Marie-José. Unidades de língua e unidades de escrita: evolução e modalidades da segmentação gráfica. In: FERREIRO, Emília. **Relações de (in)dependência entre oralidade e escrita**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- BENEDITO, J. **Dicionário para chat, SMS e e-mail**. Coleção de bolso. Portugal, 2003.
- CRYSTAL, D. **A revolução da linguagem**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.
- _____. **Language and the Internet**. Cambridge, Cambridge University Press, 2001.
- HOUAISS, A. **Elementos de bibliologia**. São Paulo: HUCITEC, 1983.
- MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais emergentes e atividades lingüísticas no contexto da tecnologia digital**. Mimeo. Apresentado na 50ª REUNIÃO ANUAL DO GEL (Grupo de Estudos Lingüísticos de São Paulo) 23-25 de maio de 2002, São Paulo: USP, 2002.
- MARTINS, W. **A palavra escrita**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1996.
- MENDONÇA, N.R. de S. **Desburocratização lingüística: como simplificar textos administrativos**. São Paulo: Pioneira, 1987.
- MIRANDA, Maria Adelaide. **Hipertexto e medievalidade**. Apresentado no seminário Enciclopédia e Hipertexto, 2004.
- PESSOA, M.de B. O século XVIII e a noção de simplificação lingüística. In: **Século XVIII: século das luzes**. Século de Pombal. BIBLIOTECA LUSO-BRASILEIRA. FRANKFURT, 2001.
- VIANA, Melissa Elias. **A linguagem dos chats desafia os newbies**. Disponível em <<http://www.internewws.eti.br/2000/mt000722.shtml>>. 2000.
- XAVIER, A. C. **O hipertexto na sociedade da informação: a constituição do modo de enunciação digital**. Campinas, 2002.

PÁGINAS DA WEB CITADAS

www.folhanet.com.br

[www.jb.com.br\(jbonline.terra.com.br/destaques/bienal/entrevista\)](http://www.jb.com.br(jbonline.terra.com.br/destaques/bienal/entrevista)).

www.saladeaula

<REVISTA TEXTO DIGITAL>